

A ética nas publicações dos diários de guerra do Iraque repassados pelo WikiLeaks para o jornal *The Guardian*¹

Thaís Oliveira Fullin²

Ana Cláudia Resende³

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Coronel Fabriciano, MG

Resumo

O *WikiLeaks* é um *website*, criado por um *hacker* australiano, que publica documentos confidenciais de diversos governos. Por meio de um ex soldado norte-americano, o *WikiLeaks* teve acesso a registros militares confidenciais dos EUA referentes às guerras no Afeganistão e Iraque, além de outros documentos relativos a líderes do Oriente Médio. Jornalistas do jornal britânico *The Guardian* se interessaram pelo material e fizeram uma parceria com o *website*. Mais tarde, outros jornais tradicionais do mundo também entraram no acordo, o que gerou a publicação em massa dos registros secretos. Esta pesquisa pretende analisar as matérias publicadas no jornal *The Guardian* sobre os diários de guerra do Iraque, avaliando-as do ponto de vista da ética jornalística, a qual o jornal está submetido.

Palavras-chave

Jornalismo; Ética jornalística; *WikiLeaks*; *The Guardian*; Guerra do Iraque.

¹ Trabalho apresentado como monografia de conclusão de curso, no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais.

² Graduada no Curso de Jornalismo do Unileste-MG, e-mail: thais.fullin@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Unileste-MG, e-mail: aclaudiareseende@yahoo.com.

1. Introdução

A pesquisa foi baseada no pressuposto de que as publicações feitas pelo jornal britânico *The Guardian* dos diários de guerra do Iraque, adquiridos pelo *website WikiLeaks* por meio de um ex soldado norte-americano, ferem o Código de Ética e Conduta dos jornalistas britânicos, principalmente devido à forma de obtenção das informações. Por isso, o objeto de estudo são as reportagens publicadas pelo diário britânico – que foram disponibilizadas em uma cobertura completa na versão impressa e *online* –, sobre os registros norte-americanos da Guerra no Iraque.

Para responder ao problema em questão, foi preciso analisar as publicações dos diários de guerra do Iraque na cobertura do *The Guardian*, comparando-as com o Código de Ética e Conduta dos jornalistas britânicos; pesquisar sobre a história e a linha editorial do veículo jornalístico; e pesquisar sobre o *website WikiLeaks*.

A relevância da pesquisa é justificada por não haver outros estudos a respeito do mesmo assunto, considerando que o *WikiLeaks* é um *website* novo, criado em 2006, e as publicações do grande vazamento de informações no *The Guardian* ocorreram em 2010. Além disso, é de grande importância a análise de um código de ética jornalístico de outro país, expandindo o horizonte da pesquisa e não a restringindo apenas a seu país de origem. Os assuntos discutidos nesta pesquisa também são de interesse público, principalmente por serem relacionados à guerra e mortes de pessoas inocentes.

2. WikiLeaks

Em 2006, um australiano, que acredita que a informação deve ser livre e acessível a todos, resolveu inaugurar um *site* de compartilhamento de documentos confidenciais de vários países: o *WikiLeaks*. “*Wiki*” é um sistema colaborativo que permite a edição coletiva dos documentos. Inicialmente, a ideia do *WikiLeaks* era ser um *site* aberto à colaboração de qualquer pessoa, sem a necessidade de revisão dos textos antes de serem publicados, mas como se tratam de informações perigosas, de documentos extremamente confidenciais, seu fundador, Julian Assange, achou melhor não deixá-lo “editável” para outras pessoas. “*Leaks*” significa “vazamentos” em inglês. Somente em 2007, a organização foi lançada oficialmente.

De acordo com o próprio *website*, o *WikiLeaks* é uma organização de mídia que não objetiva lucro, com a finalidade de levar informações importantes para o público. A atividade mais importante dos ativistas do *WikiLeaks* é publicar materiais de fontes originais ao lado das histórias, para que os leitores e historiadores possam comparar os documentos oficiais com os textos escritos pelos colaboradores do *website*.

O *WikiLeaks* conta com uma rede de voluntários dedicados por todo o mundo. Qualquer um pode ser um colaborador do *website* e enviar documentos e informações para serem publicadas de forma anônima.

2.1. Os diários de guerra do Iraque

A invasão seguida da ocupação do Iraque, liderada por tropas norte-americanas e britânicas, foi um dos conflitos internacionais mais sangrentos da última década. Mais de 100 mil pessoas morreram e cidades inteiras foram reduzidas a entulhos, em meio a alegações de abusos brutais pelas forças armadas dos EUA e do Reino Unido na prisão de Abu Ghraib e outros vários lugares.

Os diários de guerra do Iraque tratavam de números. Tanto a administração norte-americana quanto o primeiro-ministro britânico recusavam-se a admitir quantos iraquianos comuns haviam sido assassinados desde a duvidosa “libertação” do país pelas tropas dos dois países. (LEIGH; HARDING, 2011, p. 133)

Em 2010, um gigante vazamento de 391.832 relatórios secretos de campo militar dos EUA detalhava a realidade desconhecida por trás da guerra no Iraque. Os relatórios de guerra do Iraque detalham como soldados, civis, insurgentes, estrangeiros trabalhadores humanitários, empreiteiros contratados, americanos, britânicos, árabes estrangeiros e, acima de tudo, o povo do Iraque, se tornaram vítimas de uma nova dinâmica de “guerra assimétrica”, na qual guerrilheiros com armas improvisadas combatiam o armamento aéreo *hi-tech* dos EUA. Os arquivos foram repassados de Manning para Assange e, mais tarde, publicados em grandes e tradicionais jornais do mundo, como será explicado no próximo capítulo.

3. O acordo

Em 2010, um fato chamou a atenção de Nick Davies, um dos jornalistas investigativos mais famosos do *The Guardian*: oficiais americanos buscavam por Julian Assange, o fundador do *website WikiLeaks*. Os EUA queriam impedir que o ativista publicasse milhares de telegramas eletrônicos diplomáticos confidenciais norte-americanos que apresentavam avaliações sobre governos e líderes do Oriente Médio. As atenções do mundo inteiro já estavam voltadas para Assange e o soldado Bradley Manning, que havia sido preso por passar ao *WikiLeaks* um vídeo confidencial, que mais tarde recebeu o nome de “Assassinato Colateral”, que mostrava o massacre de civis por tropas americanas em Bagdá, no Iraque. Manning ainda afirmara que havia passado ao *WikiLeaks* 260 mil páginas de telegramas eletrônicos diplomáticos confidenciais e avaliações da inteligência norte-americana.

Davies logo se interessou em adquirir as histórias e começou a pesquisar a respeito de Julian Assange e Bradley Manning. “Eu tinha a sensação de que era a maior história do planeta”, afirmou, conforme citado no livro *WikiLeaks: A Guerra de Julian Assange Contra os Segredos de Estado*. (LEIGH; HARDING, 2011, p. 98)

Se apenas uma parcela do que Manning dizia fosse verdade, o *WikiLeaks* tinha agora nas mãos centenas de milhares de telegramas que detalhavam operações diplomáticas suspeitas, crimes de guerra no Afeganistão e no Iraque e sabe Deus o que mais. Era uma mina de ouro. “Havia uma grande história nisso tudo. Não era difícil perceber”, diz Davies. Seu radar de repórter disparara em sinal de entusiasmo. (LEIGH; HARDING, 2011, p. 100)

A reunião de seis horas entre os jornalistas do *The Guardian* e Julian Assange resultou na parceria entre um grande jornal e o *WikiLeaks*. Foi um novo modelo de cooperação para a publicação do que foi considerado o maior vazamento de informações do mundo.

A revista *Vanity Fair* caracterizou-o como um namoro entre “um dos jornais mais antigos do mundo, com critérios jornalísticos rígidos e consagrados”, e “um dos mais novos veículos da geração de jornalismo de denúncia *online*”. (LEIGH; HARDING, 2011, p. 105-106)

Davies propôs que o *The Guardian* tivesse acesso prévio ao material para contextualizar o que, originalmente, era um monte de dados incompreensíveis. Mas, antes de fechar o acordo, havia um problema: se o *The Guardian* publicasse sozinho os telegramas diplomáticos, a embaixada norte-americana em Londres poderia tentar impedir o jornal por meio de uma liminar. “O Reino Unido é o lar de algumas leis mais hostis em relação aos

veículos de comunicação, sendo considerado uma espécie de paraíso para oligarcas suspeitos e outros duvidosos ‘turistas da difamação’”. (LEIGH; HARDING, 2011, p. 104)

Além disso, Assange temia que as autoridades americanas acusassem Manning de espionagem, o que poderia ocorrer se o material fosse publicado apenas em um jornal do exterior. Dessa forma, o *The New York Times* foi incluído ao acordo. Davies afirmou que em hipótese alguma o presidente Barack Obama atacaria o jornal democrata mais poderoso dos Estados Unidos. O *The New York Times* estaria protegido pelas disposições sobre a liberdade de imprensa da Constituição americana. No acordo, Assange insistiu que o *Times*, em Nova York, publicasse o material cinco minutos antes – em sua versão *online* – que os demais jornais, na tentativa de reduzir o risco de Manning ser acusado de violação da Lei de Espionagem.

Mas ainda era preciso juntar mais forças para a parceria. Segundo Davies, era necessária uma aliança “multijurisdicional” entre veículos de comunicação tradicionais e o *WikiLeaks*. Se o material fosse publicado simultaneamente em diversos países, isso poderia evitar a ameaça de liminares. Dessa forma, teve início um acordo entre o *WikiLeaks* e jornais *The Guardian*, da Inglaterra, *The New York Times*, dos EUA, *Der Spiegel*, da Alemanha, *Le Monde*, da França e *El País*, da Espanha – intermediado pelo *The Guardian*, em Londres – para revelar centenas de milhares de relatórios de campo secretos, redigidos por militares norte-americanos nas guerras do Afeganistão e Iraque, muitos deles incriminadores.

Uma das lições do projeto Wikileaks é a de ter demonstrado as possibilidades de colaboração. É difícil pensar em exemplos comparáveis de organizações noticiosas trabalhando juntas do modo como o *The Guardian*, o *The New York Times*, a *Der Spiegel*, o *Le Monde* e o *El País* trabalharam no projeto Wikileaks. (LEIGH; HARDING, 2011, p. 23)

A partir de então, teve início a operação jornalística de análise, organização e visualização de dados desconhecidos. Equipes se reuniram em diversas partes do escritório do *The Guardian*, em Londres, para dar sentido às informações repassadas por Assange. O mesmo ocorreu em Nova York, Hamburgo, Madri e Paris. Foi preciso construir um mecanismo de busca que filtrasse os dados e os tornasse coerentes, além de trazer correspondentes estrangeiros e analistas de relações exteriores com conhecimentos nos conflitos do Afeganistão e do Iraque.

A peça final da empreitada jornalística foi introduzir um procedimento de redação, de modo que nada que publicássemos pudesse expor fontes vulneráveis ou comprometer operações especiais ativas. Tudo isso demandou muito tempo, esforço, recursos e energia. Dar coerência aos arquivos não foi tarefa fácil. Há pouquíssimos paralelos nos anais do jornalismo – se é que há algum –, nos quais uma organização noticiosa tenha precisado lidar com uma base de dados tão vasta. Estimamos que fossem aproximadamente trezentos milhões de palavras. (LEIGH; HARDING, 2011, p. 19)

Eram centenas de milhares de relatórios de campo, com centenas de jargões militares. No fim, o jornal precisou publicar um glossário anexo às histórias. O total de documentos dos diários de guerra chegava a 92.201 linhas de dados. Depois de todos editados, os documentos foram divididos entre cinco exemplares do jornal *The Guardian* e enviados ao *WikiLeaks*, que aceitou todos os textos.

3.1. Questão ética

Cada organização jornalística tratou das questões éticas envolvidas nas histórias e na decisão de publicá-las de forma diferente. Segundo um depoimento de Max Frankel – que supervisionou a defesa do *New York Times* no caso do vazamento dos Papéis do Pentágono, 40 anos atrás –, divulgado no livro *WikiLeaks: A Guerra de Julian Assange Contra os Segredos de Estado* (2011), “a informação que quer sair vai sair; nossa função é recebê-la com responsabilidade e publicá-la ou não de acordo com nossos padrões noticiosos invariáveis”.

Ele ainda garante que se a fonte ou o informante violar a legislação, é dever das autoridades punir e fazer cumprir a legislação, sem a colaboração dos jornalistas, já que o jornalista deve sempre manter o sigilo com relação à fonte. No entanto, Max afirma que faz parte da obrigação do jornalista revelar qualquer intenção ou objetivo aparente das pessoas que vazam ou revelam informações. Caso a publicação possa causar dano direto, imediato e irreparável, o jornalista tem a obrigação de limitar a publicação adequadamente. “Há muitos tratados mais longos sobre ética no jornalismo que dizem menos”. (LEIGH; HARDING, 2011, p. 23)

4. O jornal *The Guardian*

Fundado por comerciantes, *The Guardian* tinha uma reputação de “órgão da classe média”. Segundo uma pesquisa feita no ano de 2000 pelo Instituto de Pesquisa Social Ipsos MORI's, organização do Reino Unido que realiza pesquisas de mercado, os leitores do jornal, em sua maioria, possuem opinião política liberal de esquerda.

O diário britânico considera o conteúdo gerado por seus leitores como parte de sua política editorial, abrindo caminho para o jornalismo *online*, em um mundo virtual cada vez mais participativo. O *open journalism* (jornalismo aberto) é uma nova forma de dar notícias, com a participação do público em uma espécie de jornalismo colaborativo, por meio de comentários na versão *online* do jornal. Hoje, o diário britânico utiliza essa nova linha editorial colaborativa.

4.1. Posição quanto às guerras do Afeganistão e Iraque

Durante as guerras do Afeganistão e do Iraque, *The Guardian* atraiu uma grande proporção de leitores anti-guerras e foi um dos meios de comunicação de massa mais críticos com relação às iniciativas militares do Reino Unido e dos Estados Unidos. No entanto, o jornal defende o argumento de que o Iraque precisou ser desapropriado das armas de destruição em massa.

Depois de fazer o acordo com o *WikiLeaks*, organizar todos os dados e redigir os textos, o *The Guardian* publicou cinco jornais com matérias sobre os telegramas eletrônicos diplomáticos dos EUA e os diários de guerra do Afeganistão e Iraque. Na versão *online*, foi criada uma página especial exclusiva para os Diários de Guerra do Iraque, com reportagens, vídeos, fotografias e infográficos.

5. Análise das publicações com base no Código de Ética e Conduta Britânico

5.1. Código de Ética e Conduta para jornalistas britânicos e irlandeses⁴

⁴ Disponível em: <https://www.nuj.org.uk/about/nuj-code/>.

O código de conduta da União Nacional dos Jornalistas estabeleceu os princípios do jornalismo britânico e irlandês desde 1936, quando a União foi criada. O código faz parte das regras e todos os jornalistas associados à união devem cumpri-las.

A versão atualizada do código foi revisada em 2011 e possui uma nova cláusula de consciência, que declara que jornalistas têm o direito de se recusar a produzir trabalhos que violem o código e eles terão o suporte da união se o fizerem.

5.2. Análise das publicações com base no Código de Ética e Conduta

As cinco publicações seguem os princípios do Código de Ética e Conduta dos jornalistas britânicos e irlandeses (2011) com relação ao que afirma que os jornalistas têm direito à liberdade de expressão e de informar o público, assim como fez o *The Guardian* com os diários de guerra do Iraque, um assunto de interesse público em todo o mundo. Com relação à obtenção das informações, o *The Guardian* adquiriu os dados por meio do *WikiLeaks* e deixou isso explícito nas publicações. No entanto, a equipe do *WikiLeaks* conseguiu o material por meios considerados “ilícitos”, sem a autorização do governo norte-americano, a quem pertencem os documentos. De acordo com o Código de Ética e Conduta, o jornalista deve “obter material por meios honestos, diretos e abertos, com a exceção de investigações que são predominantemente de interesse público e que envolvem evidências que não podem ser obtidas por meios diretos”. Logo, a obtenção das informações por meios “indiretos” é justificada pelo interesse público.

5.2.1. Matéria: Arquivos secretos mostram como os EUA ignoram a tortura⁵

A matéria publicada no jornal britânico *The Guardian* mostra falhas de investigação do exército norte-americano com relação a abusos, tortura, estupro e assassinatos pela polícia iraquiana. Ela também fala sobre o incidente no qual militares dos EUA matam civis inocentes e desarmados em um ataque aéreo feito de um helicóptero Apache. A reportagem ainda desmente alegações dos oficiais norte-americanos com relação a número de mortes na Guerra do Iraque.

⁵ Reportagem disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2010/oct/22/iraq-war-logs-military-leaks>.

As informações contidas nos registros secretos são significantes com relação à conduta de guerra dos EUA e relatam o sofrimento de iraquianos por tortura, abusos, estupros e assassinatos. Os fatos estão diretamente ligados a questões relacionadas aos direitos humanos. Por isso, o *The Guardian* procurou a opinião de Phil Shiner, um especialista dos direitos humanos da *Public Interest Lawyers*.

Segundo a reportagem publicada, os ativistas do *WikiLeaks* garantiram que “deletaram todos os nomes dos documentos que podem resultar em represálias”, visto que eles foram acusados pelos EUA de terem “sangue nas mãos” ao vazarem nomes de pessoas contidos nos diários de guerra. “Mas os militares recentemente reconheceram que nenhum mal havia sido identificado”, continuou a publicação. Mesmo assim, o Pentágono afirmou que houve uma violação de segurança que poderia prejudicar, e até matar, militares norte-americanos. “Nossos inimigos irão extrair dessas informações percepções de como nós operamos, cultivamos fontes e reagimos em situações de combate, até mesmo a capacidade do nosso equipamento”, disseram representantes do Pentágono na matéria do *The Guardian*.

Conforme o Código de Ética e Conduta, o jornalista “não deve invadir ou se intrometer na vida privada, na dor ou aflição de nenhuma pessoa, a menos que seja justificado por consideração primordial do interesse público” e deve “dar o máximo de si para corrigir imprecisões que possam ser prejudiciais”. Na reportagem, não é citado nenhum nome envolvido nos abusos, torturas, estupros e assassinatos de iraquianos, apenas instituições.

Ainda segundo o Código de Ética e Conduta dos jornalistas, a informação deve ser transmitida “de forma honesta, precisa e justa” e o jornalista deve saber diferenciar fato de opinião. Dessa forma, a matéria em questão utilizou dados oficiais de registros de guerra de militares dos EUA, com números precisos de vítimas. A reportagem ainda descreve ocorrências de forma objetiva, sem opiniões ou juízo de valor.

5.2.2. Matéria: Estados Unidos entregam cativos a esquadrões da tortura iraquianos⁶

⁶ Reportagem disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2010/oct/24/iraq-war-logs-us-iraqi-torture>.

A reportagem do *The Guardian* descreve como o exército norte-americano entregava insurgentes iraquianos ao esquadrão de tortura, também iraquiano, conhecido como “Brigada dos Lobos”. Trata-se de uma milícia iraquiana que fazia o serviço para os EUA.

Na matéria, Nick Clegg, vice primeiro-ministro do Reino Unido, alegou que a matança, as torturas e os abusos no Iraque eram “extremamente sérios” e “precisavam ser observados”. Contrário a ele, o Ministro da Defesa afirmou que as publicações dos diários de guerra poderiam colocar em perigo vidas de militares britânicos.

Com relação a nomes de envolvidos nos relatos, a reportagem do *The Guardian* cita apenas James Steele, que “teria sido anteriormente contratado como assessor para ajudar a esmagar insurgentes em El Salvador”. O Código de Ética e Conduta afirma que o jornalista “não deve invadir ou se intrometer na vida privada, na dor ou aflição de nenhuma pessoa, a menos que seja justificado por consideração primordial do interesse público” e deve “dar o máximo de si para corrigir imprecisões que possam ser prejudiciais”. Os fatos e acontecimentos são relatados na reportagem de forma objetiva e sem juízo de valor. Há a utilização de termos militares.

Na matéria, ainda são utilizadas outras fontes, além dos dados obtidos pelo *WikiLeaks*, como o programa de *TV Dispatches*, do canal 4; Peter Maass, escritor do *New York Times* que esteve em Samarra na época da guerra; e Phil Shiner, da *Public Interest Lawyers*.

5.2.3. Matéria: Batalha por Samarra matou dezenas de pessoas inocentes⁷

Com gênero literário, caracterizada por muitos adjetivos – como na frase “a dura realidade da guerra assimétrica” –, esta reportagem publicada no *The Guardian* fala sobre a maior ofensiva norte-americana desde a invasão do Iraque, em 2003. A batalha por Samarra teve início no dia 1º de outubro de 2004, 17 meses depois do dia em que George Bush anunciou o fim das operações de combate dos EUA no Iraque.

A publicação possui números precisos das mortes ocorridas na batalha por Samarra, de acordo com registros oficiais militares dos EUA, e não há emissão de opinião e nem juízo

⁷ Reportagem disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2010/oct/24/samarra-baton-rouge-civilian-deaths>.

de valor. Segundo o Código de Ética e Conduta, o jornalista deve “garantir que a informação seja transmitida de forma honesta, precisa e justa” e “saber diferenciar fato de opinião”.

A matéria cita o nome do presidente dos EUA na época da guerra, George Bush, e detalha as 36 horas da batalha em Samarra por relatos de hora em hora, mas não são descritas táticas de guerra. As informações são predominantemente com relação a números de mortos, segundo registros oficiais dos EUA. O Código de Ética e Conduta afirma que o jornalista deve “dar o máximo de si para corrigir imprecisões que possam ser prejudiciais”.

São utilizados termos militares para descrever helicópteros, aviões, armas, batalhões etc. Também foram destacadas outras fontes, além dos dados contidos nos diários de guerra obtidos pelo *WikiLeaks*, como Zidan Khalaf, da *Associated Press* (Imprensa Associada), um dos poucos repórteres a cobrir a operação. Ele citou que um oficial no hospital de Samarra relatou que 70 corpos foram levados ao necrotério.

5.2.4. Matéria: Erro dos britânicos pode ter deixado chefe da al-Qaida, Zarqawi, livre⁸

“As tropas britânicas chegaram perto de capturar o comandante da al-Qaida, o alvo das forças de ocupação mais procurado no Iraque – mas a operação entrou em colapso depois de o único helicóptero de vigilância ficar sem combustível e pedir permissão para retornar à base, segundo os registros militares secretos”. Esse é o *lead* da matéria publicada no *The Guardian*, que conta sobre uma operação britânica mal-sucedida em março de 2005.

Abu Musab al-Zarqawi era um associado da Jordânia de Osama Bin Laden que levou o Iraque para uma eminente guerra civil. “Seus partidários sunitas fundamentalistas estavam por trás de alguns das piores atrocidades feitas à maioria da população xiita do Iraque, assim como os ataques incontáveis às forças do governo dos EUA e do Iraque”. Posteriormente, ele acabou sendo morto por um ataque aéreo norte-americano, em junho de 2006.

⁸ Reportagem disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2010/oct/23/iraq-zarqawi-alqaida-british-blunder>.

Na reportagem, são utilizados muitos termos militares para detalhar as ocorrências nas batalhas, mas não são descritas táticas de guerra. De acordo com o Código de Ética e Conduta, o jornalista “deve sempre sustentar e defender o princípio de liberdade de imprensa, o direito da liberdade de expressão e o direito de informar o público”.

Grande parte dos detalhes são em números, assim como nas demais publicações. Não há juízo de valor, apenas relatos dos fatos. São citados os nomes de Osama Bin Laden e Saddam Hussein, que já estão mortos; além da administração de Bush e de Eliza Manningham-Buller, a chefe do serviço de segurança da Inglaterra na época, que disse no inquérito do Iraque que “ao derrubarem Saddam Hussein, George Bush e Tony Blair abriram a porta para a al-Qaida”. O Código de Ética e Conduta afirma que os jornalistas devem “esforçar-se para garantir que a informação seja transmitida de forma honesta, precisa e justa” e “dar o máximo de si para corrigir imprecisões que possam ser prejudiciais”.

5.2.5. Matéria: Operação Cortina de Aço e suas 25 vítimas civis ignoradas⁹

A matéria mostra a omissão de militares norte-americanos com relação ao número de civis mortos na guerra. “Oficiais norte-americanos consistentemente minimizam o número de civis que eles mataram – ou negam ter matado qualquer um”. O relato afirma que os registros de guerra norte-americanos dão os totais de inimigos mortos em combate, mas “não fornecem evidências de tentativas de verificar se os corpos eram de insurgentes ou civis desarmados”. Dessa forma, o *The Guardian* contrastou os dados dos diários secretos de guerra com outras fontes apuradas, seguindo o Código de Ética e Conduta, que afirma que o jornalista “deve sempre sustentar e defender o princípio de liberdade de imprensa, o direito da liberdade de expressão e o direito de informar o público”, “esforçar-se para garantir que a informação seja transmitida de forma honesta, precisa e justa” e “dar o máximo de si para corrigir imprecisões que possam ser prejudiciais”.

Por isso, foram utilizadas as fontes: Sean Smith, do próprio *The Guardian*, que era o único fotógrafo britânico com as tropas – ele descreveu o que presenciou; Kirk Semple, do *The New York Times* – que entrevistou oficiais norte-americanos; Ellen Knickmeyer, do

⁹ Reportagem disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2010/oct/24/steel-curtain-air-strikes-husaybah>.

Washington Post, que tentou reconstituir o que aconteceu em Husayba. Ellen, por sua vez, citou Zahid Mohammed Rawi, um médico em Husayba, que disse que em cerca de uma semana na operação Cortina de Aço, os médicos registraram 97 civis mortos; e Colonel Michael Denning, o oficial superior do ar da 2ª Divisão Marinha, que estava liderando o combate em Anbar – ele disse a ela que “insurgentes irão matar civis e tentar nos culpar por isso”.

A operação Cortina de Aço visava evitar a entrada de combatentes estrangeiros e armas no Iraque pela Síria. Com duração de 17 dias, foi considerado um ataque bem sucedido. De acordo com a matéria publicada pelo *The Guardian*, “Uma declaração oficial afirmou que 139 insurgentes foram mortos por causa da perda de 10 marinheiros norte-americanos. Não havia menção de vítimas civis”. Mas ao comparar a declaração com os dados obtidos pelo *WikiLeaks*, o jornalista do *The Guardian* pode perceber que as autoridades dos EUA estavam cientes de pelo menos 25 civis mortos nos ataques aéreos.

6. Conclusão

Resultado do acordo feito inicialmente entre *WikiLeaks* e *The Guardian*, o vazamento de registros militares norte-americanos, que ocorreu em 2010, teve repercussões em nível mundial, sendo publicado nos grandes jornais tradicionais: *The Guardian*, da Inglaterra; *The New York Times*, dos Estados Unidos; *Le Monde*, da França; *Der Spiegel*, da Alemanha; e *El País*, da Espanha. Mas antes do grande vazamento de publicações, o *WikiLeaks* já havia chamado a atenção do mundo ao postar o vídeo “Assassinato Colateral”, que mostrava o assassinato de civis iraquianos desarmados e jornalistas da agência de notícias *Reuters* em um ataque aéreo norte-americano em Bagdá, no Iraque.

Mas o trabalho do *The Guardian* e dos demais jornais não se resumiu a publicar os diários de guerra. Depois de obter o material com Julian Assange, os jornalistas precisaram fazer um trabalho de análise de dados, tradução de termos militares, apuração, redação e edição das informações antes de publicá-las, visto que se tratava de mais de 90 mil linhas de dados incompreensíveis. Foram avaliados quais documentos deveriam ser publicados e quais nomes poderiam ser expostos ou não, com base em interesse público e possíveis riscos de causar danos a pessoas mencionadas. Já o *WikiLeaks* publicou no *website* arquivos na íntegra, porém, sem citar nomes, apenas cargos e instituições.

Ao analisar as matérias sobre os diários de guerra do Iraque publicadas no *The Guardian*, foi possível perceber que houve uma seleção de nomes que poderiam ser publicados, outros foram ocultos. Além disso, nas reportagens, não são detalhadas estratégias de guerra e/ou operações, são apenas relatadas batalhas, incursões e crimes de guerra de forma objetiva, sem juízo de valor.

O destaque da cobertura feita pelo *The Guardian* foi para os números de mortos, abusados e torturados, principalmente de vítimas civis desarmadas. Sabe-se que as informações são verídicas por serem provenientes de registros oficiais do exército norte-americano e por terem sido confirmadas previamente pela equipe do *WikiLeaks*. Além dos dados adquiridos por meio do *WikiLeaks*, os jornalistas do *The Guardian* fizeram entrevistas com outras fontes para complementar as matérias.

O compromisso com a verdade, a objetividade e a exatidão na informação são conceitos centrais para o exercício da profissão de jornalista. Porém, no código de ética dos jornalistas britânicos não são específicas as normas com relação à obtenção de informação por métodos considerados “ilícitos”. É difícil até mesmo definir o que seria um método “ilícito”. Nos códigos de ética, destaca-se a necessidade de levar a informação ao público de forma imparcial e idônea como a mais importante, mas “idônea” é relativo e pode ser interpretado de várias formas. Dessa maneira, não é especificado como as informações devem ou não ser conseguidas.

O Código de Ética e Conduta dos jornalistas britânicos, disponível na *National Union of Journalists* (União Nacional dos Jornalistas), afirma que o jornalista deve: “Obter material por meios honestos, diretos e abertos, com a exceção de investigações que são predominantemente de interesse público e que envolvem evidências que não podem ser obtidas por meios diretos”. (2011)

Dessa forma, o código dá a brecha para qualquer forma de obtenção de informação, desde que seja “predominantemente de interesse público e que envolvem evidências que não podem ser obtidas por meios diretos”. Além disso, não foi o *The Guardian* que utilizou de formas ilícitas para adquirir as informações do governo norte-americano. As matérias

publicadas no *The Guardian* que foram analisadas nesta pesquisa deixam explícito que os dados foram fornecidos pelo *WikiLeaks* – Assange não pediu por discricção –, que os recebeu do ex soldado norte-americano Bradley Manning.

7. Rerefências

DAVIES, Nick; STEELE, Jonathan; LEIGH, David. Iraq war logs: Secret files show how US ignored torture. **The Guardian**, Londres, 22 out. 2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2010/oct/22/iraq-war-logs-military-leaks>>. Acesso em: 2 set. 2012.

NATIONAL UNION OF JOURNALISTS. NUJ code of conduct, 2011. Disponível em: <<https://www.nuj.org.uk/about/nuj-code/>>. Acesso em: 19 ago. 2012.

LEIGH, David; HARDING, Luke; tradução: Ana Resende. **WikiLeaks: A Guerra de Julian Assange Contra os Segredos de Estado**. Campinas: Verus, 2011.

LEIGH, David; O’KANE, Maggie. Iraq war logs: US turned over captives to Iraqi torture squads. **The Guardian**, Londres, 24 out. 2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2010/oct/24/iraq-war-logs-us-iraqi-torture>>. Acesso em: 2 set. 2012.

STEELE, Jonathan. Iraq war logs: Battle for Samarra killed dozens of innocent people. **The Guardian**, Londres, 24 out. 2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2010/oct/24/samarra-baton-rouge-civilian-deaths>>. Acesso em: 2 set. 2010.

STEELE, Jonathan. Iraq war logs: British blunder may have let al-Qaida kingpin Zarqawi go free. **The Guardian**, Londres, 23 out. 2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2010/oct/23/iraq-zarqawi-alqaida-british-blunder>>. Acesso em: 2 set. 2012.

STEELE, Jonathan. Iraq war logs: Operation Steel Curtain and its 25 ignored civilian casualties. **The Guardian**, Londres, 24 out. 2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2010/oct/24/steel-curtain-air-strikes-husaybah>>. Acesso em: 2 set. 2012.

THE GUARDIAN. Londres. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/info>>. Acesso em: 19 ago. 2012.

WIKILEAKS. Disponível em: <<http://wikileaks.org/>>. Acesso em: 2 ago. 2012.